

O ENSINO DE INGLÊS INSTRUMENTAL E O LETRAMENTO CRÍTICO NA UFS: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR

Luana Inês Alves SANTOS (Mestranda/UFS)

Resumo: A compreensão escrita de uma língua estrangeira pode ser facilitada quando o aprendiz entra em contato com estratégias de leitura. A disciplina Inglês Instrumental tem exatamente o objetivo de desenvolver esta habilidade, especificamente na língua inglesa e independentemente de seus fins, através do ensino-aprendizagem de tais estratégias. No entanto, o ensino da mesma pode ir além disso. Assumindo a interação texto-leitor e a construção de sentido através deste último (LEFFA, 1999), as diferenças da leitura crítica e do letramento crítico (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001) e a compreensão de que o ensino de inglês pode ser um ato político (ZACCHI, 2008), as aulas de Inglês Instrumental podem ser um ambiente propício às discussões de diversos temas presentes no dia a dia das/os alunas/os e em suas interações sociais, e assim desenvolver uma consciência crítica nos mesmos. Propõe-se então, neste trabalho, relatar e discutir experiências de ensino desta disciplina a alunos de cursos diversos de graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a fim de compartilhar as expectativas e resultados da mesma e sua interação com o letramento crítico, de forma a contribuir para uma reflexão do ensino da língua inglesa no contexto do ensino superior.

Palavras-chave: ensino superior, inglês instrumental, letramento crítico

A disciplina Inglês Instrumental

A disciplina Inglês Instrumental tem como objetivo a apresentação de estratégias de compreensão escrita da língua inglesa, ou seja, estratégias de leitura. Segundo Leffa,

ler envolve a capacidade de avaliar e controlar a própria compreensão, permitindo, a qualquer momento, a adoção de medidas corretivas. [...] O leitor proficiente sabe também que há estratégias adequadas e inadequadas, dependendo dos objetivos de uma determinada leitura. (LEFFA, 1999, p. 12)

Desta forma, ao leitor é atribuída a responsabilidade pela leitura, de forma que este tenha a autonomia de reconhecer os objetivos e níveis de leitura os quais necessita, para assim utilizar as estratégias mais pertinentes. Disciplinas de leitura em caráter instrumental assumem que o leitor tem pouco ou nenhum domínio da língua a ser compreendida, e assim este precisa do conhecimento das estratégias e de alguns conteúdos da mesma para conseguir realizar uma leitura mais eficiente.

Conteúdos gramaticais costumam, inclusive, fazer parte da ementa, para que o leitor conheça um pouco (ou o suficiente para o objetivo de compreensão) a estrutura da língua, mas não são o foco da disciplina. Por sua vez, as estratégias como a leitura rápida (*skimming*), a leitura com foco na busca de uma informação específica (*scanning*), a identificação de cognatos, a inferência contextual e o conhecimento prévio, por exemplo, permitem que o leitor se familiarize com o texto e “negocie” o seu entendimento do mesmo, sem precisar de conhecimentos estruturais mais complexos da língua inglesa.

Motivada pela experiência como professora substituta da Universidade Federal de Sergipe entre 2017 e 2018, em um semestre o qual pude ensinar duas turmas de Inglês Instrumental para alunos de cursos diversos, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre o ensino da mesma, considerando o meu posicionamento enquanto professora e também as opiniões dos alunos que participaram das aulas, a fim de compartilhar e refletir sobre esta experiência e suscitar outras possibilidades para o desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita da língua inglesa no meio acadêmico.

Interação texto-leitor, letramento crítico e o ensino de inglês instrumental

Para um melhor entendimento do processo de compreensão escrita, isto é, de leitura, toma-se aqui como referência as ideias de Leffa, quando diz que

O que se pretende é descrever a leitura como um processo de interação. Parte-se do princípio de que para haver interação é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira. No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimento envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento lingüístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, **ele se modifica em função desse outro**. (LEFFA, 1999, p. 2-3, grifo nosso)

Assume-se aqui, então, que o processo de leitura é uma interação: o sentido do texto é construído através do leitor e de seu conhecimento e suas vivências, e não meramente extraído

do mesmo. Quando este se relaciona com o texto, permite que ambos se modifiquem neste processo.

Se o sentido do texto não é extraído pelo leitor, abrem-se possibilidades para que haja uma reflexão do que está escrito, podendo, assim, haver um processo de ressignificação. Destarte, cabe nesta ressignificação a abordagem do letramento crítico através da compreensão escrita: “em essência, estudantes de letramento crítico lidam com a produção de sentido do texto como um processo de construção, não exegese; imbui-se um texto com significado ao invés de extrair o significado do mesmo” (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 5, tradução nossa¹).

De acordo com Scholes (1995 apud CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 7), o letramento crítico busca que os alunos tenham uma atitude crítica quanto a visão de mundo dos mesmos, e que reflitam se esta deveria realmente ser aceita. Essa ação permite que os alunos se questionem e abre espaço para que novas e diferentes ideias entrem em discussão. Assim, as preocupações principais do letramento crítico enquanto prática de letramento devem ser a justiça, a liberdade e a igualdade (FREIRE, 1985 apud CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 7).

Em uma reflexão sobre as metodologias de ensino da disciplina Inglês Instrumental no Brasil, Zacchi ressalta que

embora as autoras [Busnardo e Braga, 1987] acreditem que o texto escrito seja uma das maneiras mais eficientes e práticas de colocar o aluno em contato com uma língua estrangeira de maneira crítica, as metodologias de inglês instrumental normalmente refletem um conceito de linguagem que reduz a comunicação a um mero exercício de recuperação de informação. É necessário, entretanto, ir além desse conceito e enfatizar os aspectos sociais da leitura, principalmente em situações de assimetria cultural. Uma análise sociolingüística da posição privilegiada que o inglês e o conhecimento científico e tecnológico anglo-norte-americano ocupam no Brasil pode ser de grande utilidade para o ensino de leitura. (ZACCHI, 2008, p. 2942)

Partindo da consideração das autoras quanto a oportunidade de desenvolvimento da criticidade através da leitura em língua estrangeira, e da observação de Zacchi (2008) quanto às metodologias de ensino de inglês instrumental e da proposta de uma investigação quanto às

motivações para as práticas sociais que envolvem o ensino e a aprendizagem da língua inglesa no Brasil, compreende-se que o ensino desta disciplina pode contribuir para, através da leitura e da interação do leitor com o texto, trazer à tona questionamentos e reflexões quanto a questões políticas e socioculturais presentes na realidade dos alunos. Logo, “o ensino crítico de inglês pode, portanto, propiciar a formulação de contra-discursos e conseqüentemente criar um ambiente propício à resistência ao poder constituído.” (ZACCHI, 2008, p. 2943).

Essa foi a intenção durante o replanejamento e a execução dos cursos e das aulas da disciplina inglês instrumental que ministrei na UFS, nas quais diversos questionamentos e temas foram trazidos e discutidos, ao mesmo tempo em que as estratégias de leitura eram ensinadas e praticadas. Propõe-se aqui analisar até que ponto tais práticas podem ter sido realmente efetivas.

As aulas de Inglês Instrumental na UFS

No semestre 2017.2, entre os meses de outubro de 2017 e março de 2018, lecionei duas turmas da disciplina Inglês Instrumental na Universidade Federal de Sergipe. Uma das turmas, a turma número 02, era destinada a alunos do curso de graduação em engenharia elétrica, em caráter obrigatório, e tinha inicialmente cinquenta e quatro alunos matriculados (destes, cinco trancaram a disciplina posteriormente). A outra turma, de número 03, era destinada aos alunos do curso de graduação em sistemas da informação, também em caráter de obrigatoriedade para os mesmos, com quarenta e nove alunos matriculados inicialmente (destes, três trancaram a disciplina ao decorrer do curso). Apesar de as disciplinas serem destinadas a cursos específicos, como nem todas as vagas foram preenchidas pelos alunos dos cursos destinados, havia também alunos de cursos diversos de graduação da instituição, como relações internacionais, arqueologia, física, engenharia de pesca, dança, odontologia, psicologia, administração, letras libras, engenharia da computação, comunicação social e filosofia. Ambos os cursos possuíam uma carga horária total de sessenta horas, sendo quatro horas de aulas semanais para cada curso (duas horas para cada aula, portanto).

Foi adotado, como referência principal para o curso, o livro *Leitura de Textos em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental*. Além de utilizar os textos e atividades deste

livro, em algumas aulas foram selecionados textos escritos e em inglês de fontes diversas para serem trabalhadas as estratégias aprendidas, como por exemplo os sites The New York Times (<https://www.nytimes.com/>), Buzzle (<https://www.buzzle.com/>), National Public Radio (<https://www.npr.org/>) e El País (<https://elpais.com/elpais/inenglish.html>).

Ao serem iniciadas as aulas e ensinadas as primeiras estratégias básicas de leitura, foi percebida uma dedicação de maior parte destas ao ensino e prática das estratégias (o que foi produtivo e era de fato o objetivo principal do curso), porém estavam sendo perdidas as oportunidades de realizar análises mais completas dos textos trabalhados e trazer questionamentos quanto aos seus temas e conteúdo. Por esta razão, os planos de aula foram repensados e as aulas organizadas da seguinte forma: primeiro, o texto a ser lido e discutido na aula era apresentado aos alunos; depois, já tendo sido apresentada a estratégia de *skimming* aos mesmos em aulas anteriores, era solicitado que a utilizassem para identificar o assunto principal do texto, e logo após era disponibilizado um momento de discussão entre os alunos para que “ativassem” o conhecimento prévio de cada um. Só então era realizada uma leitura mais completa (a depender dos objetivos da aula e das atividades realizadas a seguir), juntamente a resolução de questões de compreensão textual, que resultava em uma nova discussão sobre o texto, a fim de checar a compreensão dos alunos e as predições realizadas antes desta nova leitura; e, por fim, através de exemplos dentro do próprio texto, era apresentada a estratégia de leitura a ser praticada na aula e depois algumas atividades relacionadas a mesma.

A presença de pelo menos dois momentos de discussão nas aulas (um para compreender o que os alunos já sabiam e/ou pensavam sobre o assunto do texto, e outro sobre a compreensão do texto, das informações trazidas por ele e a influência que os temas discutidos poderiam exercer nos contextos em que os mesmos estavam/estão inseridos) intencionava provocar uma reflexão por parte dos alunos quanto a realidade a qual os mesmos vivenciavam/vivenciam. Também era parte do planejamento e execução das aulas questionamentos sobre a utilidade do texto e para quem este fora escrito. Estas seriam, então, tentativas de incorporar os princípios do letramento crítico nas aulas de inglês instrumental.

A opinião dos alunos sobre a disciplina

A fim de obter a opinião dos alunos quanto à forma como a disciplina foi conduzida e compreender até que ponto essa tentativa de unir princípios do letramento crítico com o ensino de inglês instrumental foi efetiva, ao final do curso, foi elaborado um questionário via Google Forms (<https://goo.gl/forms/jrR95iR738f8VNM93>) e enviado para os quarenta e um alunos que continuaram na disciplina destinada para o curso de engenharia elétrica, e para os quarenta alunos que continuaram na disciplina destinada ao curso de sistemas de informação. Dos oitenta e um alunosⁱⁱ, apenas vinte e um alunos responderam à pesquisa a tempo para a elaboração deste trabalho. Por esta razão, compreende-se que os resultados correspondem às opiniões de apenas uma parcela dos alunos e assim podem não ser capazes de demonstrar a concretude dos fatos de forma plena; no entanto, iremos analisar as respostas daqueles que se dispuseram a colaborar com este. Vale ressaltar que todas as respostas foram anônimas.

Na primeira pergunta, “A sua expectativa em relação à disciplina Inglês Instrumental foi atingida?”, 95,2% dos alunos responderam que sim, justificando que já tinham uma noção do objetivo da disciplina antes de se matricularem na mesma. Apenas um aluno respondeu que não, justificando que esperava que a disciplina fosse “mais avançada/técnica para o curso”.

A segunda pergunta, “As aulas de Inglês Instrumental eram motivadoras para você?”, teve 90,5% de respostas positivas, que foram justificadas principalmente pelas discussões que aconteciam nas aulas. Os dois alunos que responderam que as aulas não eram tão motivadoras para eles, justificaram que isso ocorreu devido ao fato de já possuírem um conhecimento avançado na língua inglesa.

“Você acredita que a sua compreensão escrita da língua inglesa melhorou após o curso?” foi a terceira pergunta do questionário, e possuía as opções, “Sim”, que obteve 66,7% das respostas; “Não”, obtendo nenhuma resposta; e “Eu já havia estudado inglês antes de cursar a disciplina”, que obteve 33,3% das respostas. Dentre as justificativas, os alunos que responderam “Sim” justificaram que após cursarem a disciplina, conseguem ler um texto em inglês com maior facilidade. Aqueles que sinalizaram que já haviam estudado, destacaram

que apesar de já terem um conhecimento da língua inglesa, o aprendizado das estratégias facilitou a compreensão dos textos escritos.

A quinta pergunta foi “Os temas discutidos durante as aulas da disciplina te interessavam?”, com 100% das respostas positivas. Dentre as justificativas, um aluno mencionou que “A professora buscava trazer textos direcionados as áreas de estudo de todos da turma a fim de incentivar um melhor desempenho.”. Outro destacou que havia “Assuntos atuais, que muitas vezes eram utilizados em outras disciplinas e no dia-a-dia.”.

Para que os alunos respondessem à sexta pergunta, “Qual(is) tema(s) você achou mais interessante(s)?”, foram listados todos os temas discutidosⁱⁱⁱ em sala de aula através da leitura dos textos. Os três temas que os alunos acharam mais interessantes foram suicídio assistido, que obteve 81% das respostas; assédio sexual, obtendo 71,4% das respostas, e tiroteios em escolas estadunidenses e porte de armas, que obteve 66,7% das respostas.

A sétima pergunta foi “As discussões desenvolvidas durante as aulas da disciplina te fizeram refletir sobre a realidade a qual você estava/está inserido?”, obtendo 95,2% das respostas positivas e uma resposta negativa.

A penúltima e oitava pergunta, “A sua opinião ou visão sobre algum dos temas abordados em sala de aula mudou ou ampliou após as discussões?”, obteve 76,2% de respostas “Sim”, com justificativas como “Minha visão não mudou, porém ampliou bastante com relação principalmente a abordagens as quais eu não tinha parado pra pensar.”; “Foi bom conhecer opiniões que divergiam da minha e saber mais sobre assuntos que eu não conhecia” e “Um conhecimento agregado fez com que algumas opiniões se alterassem e as minhas percepções se expandissem o que possibilitou uma visão mais crítica a respeito dos temas abordados”. 23,8% dos alunos respondeu que “Não”, justificando, por exemplo, ter um “um posicionamento bem firme em relação as coisas” e “Eu costumo refletir bastante a respeito desses assuntos em outros ambientes, com outras pessoas.”. Um outro aluno também sugeriu que as discussões foram limitadas.

A última pergunta, “Você tem alguma sugestão em relação à disciplina e/ou à forma como as aulas da mesma foram conduzidas?”, não era obrigatória e apenas onze dos vinte e um alunos que responderam às questões obrigatórias, nem todos realmente expressando algo

que gostariam que fosse diferente. Ainda assim, foram expostas sugestões quanto ao planejamento da aula e a um uso maior de outras fontes para as mesmas, além do material didático principal.

Conclusão

Ao analisar as respostas dos alunos, é possível perceber que as discussões oriundas dos textos lidos, de acordo com os mesmos, foram motivadoras e interessantes, contribuindo para um bom desenvolvimento da disciplina. Estes reportaram também que os textos proporcionaram reflexões sobre a realidade dos mesmos e que estas mudaram/ampliaram as opiniões e visões de alguns deles.

Para este trabalho, interessa que os alunos tenham reconhecido que os sentidos dos textos eram proporcionados através da interação deles com os mesmos, e que as reflexões e discussões não tinham a intenção de doutriná-los, como afirma Zacchi:

Não se trata, portanto, de impor ao aluno uma visão de mundo preestabelecida. O professor assume, na verdade, o papel de acrescentar à visão de mundo dos alunos um conhecimento prévio (contextos) que em geral eles não possuem. Caberá ao próprio aluno, de posse desse conhecimento, ponderar sobre os diversos pontos de vista que incidem sobre uma determinada questão (ZACCHI, 2008, p. 2944).

Assim, ao dizerem que “Minha visão não mudou, porém ampliou bastante com relação principalmente a abordagens as quais eu não tinha parado pra pensar.” e que “Apesar de ter feito curso de inglês, a disciplina trouxe uma nova perspectiva com relação as técnicas de leitura.”, acredita-se que estes alunos e os demais que expuseram ideias semelhantes foram contemplados pelo letramento crítico através do aprendizado de estratégias de compreensão escrita da língua inglesa, uma vez que suas afirmações ressaltam a autonomia em decidir e ter as suas próprias opiniões, e a elas acrescentar mais ideias quanto às diversas questões relacionadas ao dia a dia dos mesmos.

Destarte, espera-se que apesar da pequena amostragem das opiniões dos alunos quanto ao curso, estes tenham, a partir de seus conhecimentos, atribuído o sentido ao texto e refletido sobre o mesmo, não apenas o extraindo. Através das ideias trazidas pelas reflexões dos

próprios alunos, espera-se também ter reforçado que a educação é contextualizada, construída socialmente e que é também uma prática ideológica (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 10).

Referências

CERVETTI, Gina; PARDALES, Michael J.; DAMICO, James S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. *Reading Online*, v. 4, n. 9, 2001. Disponível em: <http://www.readingonline.org/articles/art_index.asp?HREF=articles/cervetti/index.html>. Acesso em: 20 jun. 2011.

LEFFA, Vilson José. Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson José; PEREIRA, Aracy Ernst. (Orgs). *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

SOUZA, Adriana Grade Fiore et alii. *Leitura em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental*. 2. ed. São Paulo: Disal, 2010.

ZACCHI, Vanderlei José. Inglês instrumental, abordagem comunicativa e propostas para um ensino crítico de inglês. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2940-2946.

ⁱ No original: “in essence, students of critical literacy approach textual meaning making as a process of construction, not exegesis; one imbues a text with meaning rather than extracting meaning from it.”

ⁱⁱ Esse foi o número de alunos que finalizaram efetivamente a disciplina, sendo ou não aprovados. Os demais alunos trancaram ou abandonaram a mesma.

ⁱⁱⁱ A saber, os temas discutidos foram: a realização de atividades físicas, o processo de reciclagem, o vício em cafeína, o bullying, a possível ameaça dos vídeos na Internet à TV, a pirâmide alimentar e a nutrição, o reaproveitamento de celulares antigos através da troca por dinheiro ou crédito em loja, a efetividade dos sistemas de informação, o assédio sexual, as ilusões de referência, o uso da tecnologia para melhorar o tráfego nas cidades, a produção e o consumo de alimentos orgânicos, o suicídio assistido, os estereótipos culturais, o funcionamento do cérebro humano, o caráter histórico das moedas, a influência da tecnologia na forma de pensar, o inglês como uma língua global e os tiroteios em escolas estadunidenses e o porte de armas.